

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o Suplemento semanal,  
Lisboa, 900\$; Província, 1.000\$; Estrangeiro,  
1.200\$.

# A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 5339 CENTRAL  
Câmaras de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 115  
Este jornal não se publica às segundas-fei-  
ras.—Não se devolvem os originais.—Dos arti-  
gos publicados são responsáveis os seus autores

DOMINGO, 21 DE DEZEMBRO DE 1924

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — Nº 1365

## JORNALISMO POPULAR

Os jornais da grande circulação dizem-se sempre jornais do povo, acérrimos defensores dos interesses do povo.

Eles é que são, a acreditá-los, a poderosa alavanca da imprensa capaz de produzir todos os progressos e todas as maravilhas. E confiamos nisto, há uns milhares de patetas que se entregam à leitura de tais papeis, certos de que eles os informarão de todas as tratantadas que se tramam contra os seus direitos e que esse honrado jornalismo velará pelos seus interesses defendendo-os encarnadamente.

Outros, menos ingênuos, sabendo que tais jornais têm outros interesses a defender, continuam, no entanto, a ler esses jornais, pondo de parte o que eles possam dizer nos seus editoriais. No entanto, supondo-se muito bem defendidos, são da mesma forma ludibriados pois as notícias aparentemente mais inofensivas, esses jornais defendem inconfessáveis pontos de vista, na maneira tendenciosa como essas notícias são redigidas.

Mas em que diabo é que essa imprensa é imprensa do povo? Vemos por ventura que ela se interesse pelos problemas mais instantes que interessam a população? Onde está uma forte campanha contra a carestia da vida? Onde se faz o incitamento a medidas e realizações por parte da República a favor das camadas populares? E como se explica que essa mesma imprensa se interesse tanto pelos comerciantes presos e não tivesse manifestado senão um superficial interesse pelos consumidores, que têm sofrido a mais formidável das explorações?

Compreende-se que assim seja. Como é que podem defender os interesses do povo, os jornais da Moagem e da União dos Interesses Económicos? Então a Moagem que explora os consumidores e o Estado, que enriqueceu com a miséria da população pode interessar-se pelo povo, pode defender os interesses do povo, pode querer um jornal do povo? Então o órgão dos comerciantes e dos industriais, conluídos para a alta dos preços, pode interessar-se pelas desgraças do povo miserável?

Este facto está preocupando por tal forma a opinião, que muitos republicanos defendem já abertamente a ideia de esses jornais serem expropriados, tomando deles conta o Estado. Seria, devemos dizê-lo, pior a emenda que o soneto. A grande força da imprensa está, precisamente, na sua independência, sobretudo para com os governos e todas as autoridades constituídas. Um jornal do Estado que não seja o *Diário do Governo*, não se compreende. Seria em relação às potências do Estado, o que estes são em relação às manigâncias da Moagem e às habilidades e ganância dos comerciantes e industriais.

Neste momento, por exemplo, uma das campanhas que os grandes jornais deviam levantar, se fossem realmente jornais do povo, era o da crise de trabalho, maneira de a resolver, providências a adoptar.

Ora uma tal campanha, que esses jornais não fazem para não comprometer os interesses dos seus proprietários, também não poderia ser feita em jornais expropriados pelo Estado, pois ficariam impossibilitados de, neste assunto, ter outras ideias que não sejam as dos governantes, o que prejudicaria, necessariamente, o trabalho do jornalista.

Por enquanto, já uma coisa nos bastava: que esses jornais deixassem o epíteto de imprensa do povo, de amigos do povo, e se declarassem abertamente os defensores da Moagem e dos especuladores da população.

### Tabacos e fósforos

Contrariando já a proposta do governo para a abolição dos monopólios faz-se certa imprensa eco duma corrente que se formou contra a indústria livre e defensora do fabrico dos tabacos e fósforos pelo sistema da *Regie*. Isto na altura em que tam-mau resultado deram as administrações do Estado, como por exemplo a dos Transportes Marítimos, não nos parece que possa ter outro fim que não seja apenas o de embargar a aprovação da proposta e de alguma maneira favorecer as actuais companhias privilegiadas. Que o povo, pois, fique vigilante para inutilizar as manobras dos políticos.

## A velha questão dos povos de Alares, Cobeira e Cegonhas

Respondendo a um advogado que, à falta de argumentos sólidos se serve da mentira para defender uma causa ingrata

**O Diário de Lisboa**, de ante-onde, entrevistando o dr. sr. João Goulão, serviu, talvez sem querer, a causa mais injusta destes últimos tempos.

Versava a entrevista sobre o célebre caso do povo do Rosmaninhal, que se atribui o direito à posse desses vastos e fecundos terrenos que os povos pacíficos e laboriosos de Alares, Cobeira e Cegonhas, de geração em geração, vêm cultivando e valorizando há mais de trezentos anos.

O dr. Goulão, decerto por conveniência que lhe determina a sua profissão—mentiu, mentiu duma maneira descarada, mentiu como um advogado que, à falta de razão, usa de tal processo, para bem defender a causa dos seus constituintes. Está bem que o dr. Goulão mintu, porque de outra maneira não pode defender uma causa, que nem à face dos códigos, nem à face da mais alta e pura justiça tem defesa possível.

Porém, nós que não somos advogados, que conhecemos a questão e que sabemos a quem é necessário fazer justiça, intervimos com toda a autoridade que nos dá o nosso desinteresse e a nossa independência.

O sr. Goulão, recebe, como advogado, um vencimento para ocultar a verdade; nós jornalistas dum jornal popular que se não teia por princípios de justiça, gastamos dinheiro para ir ao local dos acontecimentos estudar o assunto e proclamar a verdade.

O dr. Goulão encontra-se por interesse profissional ao lado de família Morão e do povo do Rosmaninhal contra os povos de Alares, Cobeira e Cegonhas, nós estamos, por amor à verdade apenas, ao lado destes contra os primeiros.

Os leitores de *A Batalha* conhecem, felizmente, a questão que foi tratada há pouco tempo numas reportagens elucidativas feitas por um redactor que ao local foi, por nós, enviado expressamente. Sabem, portanto, que a família Morão vendeu indevidamente ao povo do Rosmaninhal os terrenos que eram ocupados e cultivados, há séculos, pelos povos de Cobeira, Alares e Cegonhas.

### Uma venda ilícita, com o carácter de burla

Diz o dr. Goulão (porque necessitava dizer o para dar base a toda a sua argumentação) que os herdeiros Morão venderam ao povo do Rosmaninhal os terrenos que lhes pertenciam legitimamente, pois em tempos haviam sido adquiridos pelo velho visconde Morão.

Dizemos nós, porém, que a venda é ilícita. Dizemos-lo e provamos-lo, com argumentos claros e irrefutáveis, a saber:

1.º O velho visconde de Morão intitulou-se indevidamente proprietário dos terrenos, e os povos ignorantes, de boa fé, reconheceram-no como tal, pagando-lhe os foros.

2.º Por morte do visconde, os herdeiros continuaram recebendo indevidamente os foros, que tiveram o cuidado de ir sobre-carregando exageradamente.

3.º Nunca ninguém, nem o visconde, nem os herdeiros comprovaram os seus direitos aos referidos terrenos, apresentando os títulos de propriedade.

Dito isto, cai pela base a argumentação do ilustre advogado.

A-pesar dos terrenos não pertencerem de direito aos herdeiros citados (não possuem títulos de propriedade), nem mesmo de facto (não cultivaram, não fizeram melhoramentos, apenas se limitaram a cobrar os foros)—a-pesar de todos estes contras transaccionaram as propriedades com o povo de Rosmaninhal. A transacção é ilícita:

1.º Porque os terrenos estavam em litígio.

### O "terrível" complot

Na francesa cidade de Amiens foi efectuada uma busca em casa dum conhecido comunista onde se reuniam vários revolucionários avançados. Foram descobertos documentos comprovativos dum "complot" bolchevista para tomar a cidade e estabelecer em todo o distrito a república dos "soviets".

Os conspiradores ocupariam a Câmara Municipal, os quartéis, os edifícios dos correios e telegraphos e prenderiam todas as autoridades civis e militares.

Esta facécia vinha toda num telegrama da "Radio". Chamámos-lhe facécia?

Pois, é claro. Fazemos justiça aos comunistas franceses: eles não eram burros para irem fazer um movimento daquela natureza num única cidade. Burros são os políticos, burros são ainda os que acreditam naquele disparate.

### Trabalhai, meus irmãos...

Os leitores têm ouvido falar na Bolsa Social de Trabalho de Lisboa? Nós, francamente nunca demos que este silencioso organismo tivesse emitido uma opinião ou um som mesmo suspeito. Desde que se fundou até ontem tem dormido por todos os lados—menos no oramento. Chegou-lhe ontem a vez de acordar. Esfregou os olhos, espreguiçou-se e escreveu ao milhão um papelinho dizendo-lhe que havia uma crise de trabalho e que se deviam construir pontes, túneis e acabarem-se os Bairros Sociais. A Bolsa depois de descobrir o que já é para todos coisa trivial, extenuada de tanto esforço, virou-se para outro lado e continuou dormindo, provavelmente. Bem merece o sono, após tam exaustivo trabalho—a Bolsa do Trabalho!

LEDE E PROPAGAI  
O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

## Aluta defensiva do proletariado alemão

Os sindicatos dos mineiros que há algumas semanas anunciaram que iam reivindicar aumento de salário, foram convidados pelo ministro do Trabalho do Reich a uma conferência de arbitragem com os patrões. Conforme uma proposta apresentada por um dos patrões as negociações foram fixadas, de comum acordo, para o dia 6 de Novembro. Mas nesse dia, os representantes dos ministérios declararam que era absolutamente necessário adiar essas negociações ainda para mais tarde, porque as investigações e os exames do ministério das Finanças sobre a situação financeira das minas, só poderiam estar terminados daí a 15 dias.

Há já bastantes semanas que os ministérios das Finanças e do Trabalho estão ao corrente da situação das minas alemãs e pela sua inação mostram bem que se desinteressam completamente da melhoria prometida na situação dos operários. Por essa razão os patrões sentem-se muito mais fortes e assim retardaram o aumento de salários. Isto é tanto mais grave que num telegrama da Câmara de Comércio de Munique para o ministério do Trabalho aquela pede ao governo que desista da revisão dos salários das minas.

E' difícil prever quais serão as consequências destas resoluções, mas é de supor que a massa operária saberá defender energeticamente o que de direito lhe pertence.

## Foram postos em liberdade os operários que estavam entregues ao governo

Foram ontem postos em liberdade os seguintes operários que estavam entregues ao governo, por decisão do extinto Tribunal de Defesa Social:

José Gordinho, Manuel Viegas Carrascao, Manuel de Castro Simões, José Agostinho das Neves, Policarpo Simões, Eugénio Augusto Ribeiro, Bernardino Sebastião Pavia, António Joaquim Pato, António Chagas, António José de Almeida, Salvador de Matos Filipe, Enrique Rolim Ramos e Fernando Gomes Soares.

Ainda ficaram detidos: Alexandre Pires Soares, Macias e Joaquim António Pereira.

Foram enfim restituídos à liberdade os operários do Município Herculano Simões e António Nunes que, conforme notícia, haviam sido presos em virtude de um conflito provocado pelo Inspector Lima dos serviços de limpeza e regas da Câmara Municipal.

## Leiam amanhã no Suplemento Literário de A Batalha

O Serão em Lisboa, por Mário Domingues (com clichés de A. dos Santos); Ecos da Semana; a arte, a vida e a sociedade, por F. de C.; Os preconceitos sociais e onde combater o seu exagerado combate, por M. D.; Inauguração da Escola-Teatro Juvenil pelo dr. Adolfo Lima (com retrato de Araújo Pereira); A mulher desgrenhada que estende sua mão num gesto suplicante... por Ferreira de Castro; Palestras sobre higiene, a circulação de sangue, pela dr. D. Adelaide Cabette; Militarismo e antimilitarismo por Amaro Gonçalves; Trabalho (com gravuras); O que todos devem saber... (com gravuras); Chico, Decas e C. (com gravuras); Retal dos pobres, caricaturas de Stuart Carvalhal.

Oito páginas de texto com muitas gravuras, preço 50 centavos

## CONFERÊNCIAS

### «Construção de casas económicas»

O conselho administrativo do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa, tendo em atenção a falta de habitações e a crise de trabalho que está sofrendo o operariado da construção civil, resolveu promover uma conferência onde o assunto seja ventilado.

O conferente será o tenente-coronel sr. Velho da Palma, que escolherá por tema «Construção de casas económicas», realizando-se na terça-feira, às 21 horas, no Salão do Sindicato promotor.

### OPICINAS DESTRUÍDAS POR UM INCÊNDIO

REVAL, 20.—Foram destruídos por um incêndio as oficinas dos caminhos de ferro desta cidade, sendo os prejuízos avaliados em mais de cinco milhões. —(R.)

### Mais vale tarde...

Interrogado por um jornalista, o dr. sr. Ramada Curto definiu, deste modo, a atitude do partido socialista, no momento que decorre:

«Apoiar com todas as suas forças as reivindicações do proletariado. Caminharemos, C. G. T. e Partido Socialista, lado a lado nas reivindicações das classes laboriosas. Tenho mesmo a certeza de que o governo terá que resolver, ou pelo menos atenuar a crise, perante um movimento enérgico da classe operária organizada.»

Custou a compreender que não é o proletariado que tem de andar atrás dos políticos, mas estes atenderem as justas reclamações por ele formuladas. Quanto durará esse critério, ou melhor, esta compreensibilidade?

## DE ESPANHA

O mado à hidra

LONDRES, 20.—Notícias recebidas de Espanha dizem que o governo espanhol ordenou a concentração de tropas nas fronteiras de França e Portugal a fim de evitar qualquer possível incursão, tendo sido mobilizados quatro batalhões de infantaria ligeira.—(R.)

## O inquérito de "A Batalha" vai-se completando, mercê das respostas que afluem constantemente

Proseguem, com maior intensidade—o que registamos com alegria—as respostas dos organismos operários ao inquérito de *A Batalha* sobre a crise de trabalho.

Na prontidão das respostas estão predominando as associações de trabalhadores rurais, a cujas aspirações já ontem fizemos um leve comentário. E' necessário, porém, que os outros organismos, como uniões de sindicatos, federações de indústria e sindicatos de tantas e variadas profissões respondam também, reportando-se às necessidades das suas indústrias em particular, e às necessidades das povoações onde tenham a sua sede.

### Federação da Indústria Metalúrgica

Para debelar a crise de trabalho e fomentar o desenvolvimento da sua indústria, a Federação Metalúrgica reclama do Estado as seguintes medidas que a seguir, em síntese, publicamos:

1.º Concessão da introdução da siderurgia.

2.º Defesa da indústria, pela revisão da pauta actualizada em harmonia com as suas necessidades.

3.º Intensificação da produção e extracção dos minérios em exploração e por explorar, tendo em conta a descoberta de novos jazigos, especialmente os de carvão (Santa Suzana).

4.º Obrigatoriedade do cultivo dos terrenos incultos.

5.º Facilidade para a expansão da indústria de electricidade em todo o país de forma que a mesma possa fornecer a energia necessária para iluminação pública e particular e servir várias indústrias.

6.º Intensificação dos transportes marítimos e terrestres.

7.º Conclusão dos melhoramentos do porto de Lisboa de forma a tornar possível o acesso de navios estrangeiros para reparações.

8.º Diminuição das taxas acostáveis dos navios nacionais e estrangeiros, aos molhes e cais dos portos de Lisboa e Leixões.

9.º Preferência, por parte do Estado e de empresas particulares, da indústria nacional para todos os fabricos e reparações de barcos de guerra e mercantes.

10.º Recomendação às Câmaras Municipais para que à indústria nacional sejam dados todos os trabalhos que as mesmas necessitem de futuro mandar executar.

11.º Concessão imediata para a construção da ponte sobre o Tejo.

12.º Legislação imediata para que todas as edificações, quer de indústria, quer de habitação, sejam servidas por escadas de salvamento em caso de incêndio ou outros desastres.

13.º Compelir as empresas de fornecimento de energia e luz electrica a estarem habilitadas a atender todas as entidades que as requisitem.

14.º Introdução no regulamento das indústrias electricas duma cláusula que determine a fiscalização das instalações, de cinco em cinco anos, para as terrestres, de dois em dois anos para os navios.

15.º Fiscalização e cumprimento de todas as leis relativas ao trabalho, em especial as que dizem respeito à higiene e segurança dos operários, e à protecção das mulheres e menores nas oficinas.

16.º Criação imediata dum posto médico no tribunal dos accidentes de trabalho e actualização da lei referente aos mesmos de forma a dar maiores regalias aos trabalhadores.

17.º Extinção de todos os monopólios.

### Construção Civil do Estremoz

A Associação da Construção Civil de Estremoz, respondendo ao inquérito, alvitra o seguinte:

**Trabalhos por conta do Estado:**

1.º Acabar a construção da via férrea que liga Estremoz a Portalegre e que tem as terraplanagens já feitas.

2.º A construção de um edificio escolar primário, porque não existe uma escola em Estremoz que ofereça segurança e higiene às crianças que a frequentam, pois a que existe é um casarão que está a cair de velho.

3.º Reparação de algumas dezenas de casas de habitação denominadas pelos quartéis e que estão em ruínas e ameaçam a vida dos desgraçados que as habitam.

4.º Reparação das estradas que ligam Estremoz a Souzel, a Veiros e a Borba.

**Por conta do Município:**

1.º Construção de um mercado, que não existe nenhum em Estremoz.

2.º Construção de um balneário, aproveitando as águas em benefício da higiene pública.

3.º Canalização de água para o bairro de São Tiago pois não existe nesse bairro uma única fonte sendo isto uma coisa de primeira necessidade.

4.º Calçamento de todas as ruas desta vila.

5.º Acabamento da avenida junto da estação do caminho de ferro cujos trabalhos estão paralisados por o ministério da Guerra não ceder parte do terreno para essa avenida.

6.º Construção de um Sanatório na Serra de Ossa que fica próxima desta vila e onde uma legião de doentes daqui iriam ser beneficiados.

7.º Alargamento do cemitério desta vila.

8.º Construção de três retretes, uma, ao pé do Teatro, outra, no Largo Francisco Ferrer, e outra, ao pé do lago que existe nesta vila.

### Trabalhos particulares:

1.º—A Câmara obrigar o sr. Graça Zagalo a concluir a sua obra ou então fazer a sua expropriação pois ameaça ruína, outro tanto acontecendo com o sr. Joaquim Lourenço Costa que paralisou a sua obra.

### Rurais de Cabeço de Vide

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeço de Vide dá a seguinte resposta ao inquérito de *A Batalha*:

### Trabalhos por conta do Estado:

1.º Há um caminho de ferro de Estremoz, para Portalegre, com direcção a esta localidade.

2.º Há uma estrada em construção de Cabeço de Vide, para Viamonte, que contém uns três quilómetros, por acabar e uma Ponte na dita estrada, na Ribeira do Vidigão.

3.º Necessita de reparação a estrada de Cabeço de Vide, para Alter do Chão.

4.º Um ramal de estrada de Cabeço de Vide, para Portalegre, e ainda outras reparações, nas estradas das imediações desta localidade.

**Trabalhos por conta do Município:**

1.º Construir um bairro social no local chamado Baldio das Cabanas.

2.º Constituição de uma escola porque a Escola Oficial, desta localidade, não tem condições higiénicas, e, ainda, porque na mesma sala funciona o ensino de ambos os sexos.

3.º Proceder à reparação das ruas da Vila, que se encontram num estado intrasitável.

4.º Exploração das águas para abastecimento da população, pois que esta vila só tem uma fonte cuja nascente é quasi nula.

5.º Exploração dos nascentes das Ribeiras da Vide e do Vidigão, e construir canos de alvenaria, para irrigação.

### Trabalhos agrícolas:

1.º Há muitos terrenos de primeira qualidade incultos, tais como os das Ferrarias pertencentes a José Luís Godinho, Monte Cristo pertencente a José Vaz, Dórdem Ceitida pertencente a Luís Frade Caldeira, e ainda outras propriedades incultas, que sendo cultivadas convenientemente aumentariam a produção consideravelmente e não se faria sentir a falta de trabalho, como actualmente se está sentindo.

### O Sindicato da Construção Civil de Oeiras respondeu-nos o seguinte:

### Trabalhos por conta do Estado:

1.º Construção da ponte sobre o rio da Lage, no Arieiro, pois que estando a estrada concluída a ponte está por fazer há cerca de 3 anos.

2.º Reparação urgente da Rua Marquês de Pombal, que está em estado lastimoso.

3.º Construção duma estrada junto à linha férrea ligando Oeiras a Carcavelos.

**Por conta do Município:**

1.º A construção dum Hospital, pois o concelho de Oeiras não possui estabelecimentos de tal natureza.

2.º Construção de um lavadouro público



## A educação moral na família

### A responsabilidade dos pais

#### A sugestibilidade das crianças ou o poder do exemplo

##### 9 - Alguns exemplos de contradições nos pais (conclusão)

Ponhamos de lado as pragas, as blasfêmias. Sabe-se, todavia, que elas ressoam nas casas, aos ouvidos das crianças, antes de lhes macular os lábios ainda tenros.

E as frotas, as zombarias, as maledicências? Por quem são as crianças nelas iniciadas e treçadas?

Troças, zombarias, palavras de desdém, de desprezo, de maledicência, vindas da boca do pai ou da mãe para amesquinhar, ridicularizar ou censurar uma pessoa ausente, uma pessoa ao serviço da casa, criada, criado, operário, e, algumas vezes, até, as próprias crianças; e algumas vezes ainda essas palavras do pai a respeito da mãe, da mãe a respeito do pai.

E eis-nos então no jardim empestado da injúria, onde surgem as palavras grosseiras, onde reina o termo insultante.

O termo insultante!

Ele é, proposadamente, uma maldade, uma grosseria; é também, e a maior parte das vezes, uma falta de tacto deplorável.

Nunca se dirijam a uma criança senão pelo seu nome.

Nunca qualifiquem-se quem for duma maneira depreciativa.

Quanto aos filhos sem pensar que se acusam a si próprios: «Mal-creado! mal educado!»

E depois, que culpada inconsciência, dizer, por causa duma pequenina mentira: «és um mentiroso!», ou por um furtosinho: «és um ladrão!»

Não pensam pois que, qualificando os actos das crianças em lugar de os enunciar sómente para os criticar, inspirar por eles a repulsa e impedir a sua repetição, cometem uma acção três vezes má?

Primeiro, classificam a criança numa categoria a que não pertence, ou a que ainda não pertence; assim, são injustos, exageram e impressionam perigosamente a sua sensibilidade; segundo ofendem-na na sua dignidade, e abalam-lhe a confiança em si próprio; terceiro, submetem-na à aprendizagem da qualificação injuriosa dos outros.

Assim, quem tiver muitos filhos, vê-los-há aplicar entre si os processos de que os pais usaram a seu respeito, e terá o espectáculo entristecedor de irmãos, de irmãs que se queiralam, e se qualificam desagradavelmente.

Algumas vezes virão perante o tribunal paterno ou materno reclamar justiça, dizendo: «Berta chama-me nomes», ou «Francisco chamou-me isto ou aquilo...»

De quem é a culpa?

Preguntemo-nos a si próprios antes de castigar demasiado brutalmente contra Berta ou Francisco...

A culpabilidade dos pais não os impede de interpellar, nestes termos, os filhos que não fizeram mais do que imitá-los: «Quem é que te ensinou isso, meu maroto?»

Se a scena se passa diante de testemunhas, endossa-se, numa linguagem escolhida a responsabilidade do exemplo aos criados ou à escola.

«Esta criada é tão grosseira! É preciso mandá-la embora, mas é tão difícil substituí-la nos tempos que correm!»

«As crianças, agora, são tão mal criadas! trazem isto da escola; seria bem preciso ir, uma vez, fazer queixa ao professor para que ele vigiasse melhor a sua classe...»

Acontece também haver a cobardia de incriminar os pequeninos amigos da casa: «Não queremos escandalizar os pais, mas a companhia desta garota não convém a nossa filha».

Ou ainda «Este gaúcho do Luís não ensina nada de bom ao nosso José!»

Estas censuras que acusam a criada, o criado, o operário, os condiscipulos, os pequenos amigos, não são contudo, sempre sem fundamento.

Há enorme curiosidade em assistir depois de amanhã, no Nacional, à 1.ª recita da peça de Wolff «O Desejo», que em Paris conquistou, quer do público quer da crítica, os maiores aplausos e elogiosas referências.

pois que de inverno não se pode lavar no rio devido ao crescimento das águas.

3.ª. Construção de uma escola municipal, pois a escola do Estado existente não chega para as crianças da localidade.

4.ª. Construção de urinóis e retores em diversos lugares públicos.

5.ª. Edificação de um bairro para operários, a fim de atenuar a crise de habitação, que é enorme nesta localidade.

6.ª. Construção da cobertura da praça de peixe e hortaliças, pois quando chove não pode funcionar.

Nota: Possuindo o município meios de transporte, pedra em abundância e terrenos apropriados para as diversas construções acima mencionadas não se tornam impossíveis as pretensões deste sindicato, tanto mais que são as pretensões do povo da localidade.

A melhor forma da execução dos trabalhos, sob o ponto de vista de segurança, economia e rapidez, deve ser por administração do Sindicato ou por comissões.

## A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

### NA INGLATERRA

#### Uma dupla ofensiva do Imperialismo Inglês

Enquanto Chamberlain, servo ao serviço do imperialismo, organiza a sua ofensiva contra o proletariado, contra os povos oprimidos das colónias e está manobrando para preparar a resistência à hegemonia americana, a Câmara dos Comuns está seguindo pelo caminho do imperialismo extremista.

Os conservadores ingleses procurando obter uma política de imigração, querem opor a mão de obra estrangeira aos operários britânicos para poderem assim expulsar à vontade, os trabalhadores imigrantes que não compartilhem das mesmas ideias do House Office.

«Há actualmente na Grã-Bretanha—diz um jornal inglês—272.000 estrangeiros; e tendo nós um milhão de operários sem trabalho, o governo não pode tolerar que os estrangeiros venham para nossa casa e ocupem os raros lugares disponíveis.»

Como se vê o imperialismo inglês continua dirigindo poderosos ataques ao proletariado.

Esperemos que ele saiba defender-se condignamente.

### NA ITALIA

#### Os fins do imperialismo italiano

Durante um certo tempo o Palácio Doria esteve coberto com um véu misterioso e Chamberlain apenas saiu do seu mutismo para dizer: «Demos o primeiro passo para uma estreita colaboração entre a Inglaterra, França e Itália».

Isto quer dizer: quando Mussolini subiu ao poder expôs a um enviado do *Matin* os seus projectos de política exterior; esta política tinha um certo cunho de continentalismo e era essencialmente anti-britânica.

Todos sabem, no entanto, o que valem as palavras dadas por os apologistas mais entusiastas chamam o sucessor de Crispi. Repete-se que na entrevista que teve com o representante do *Foreign-Office* inaugurou uma nova política. A «Immigration Act» que os Estados Unidos votaram este ano vibrou tal golpe na Itália, que até o próprio Mussolini não pôde dissimular a gravidade do caso.

«Se nós não sabemos para onde havemos de enviar o excesso da nossa população, se nós não sabemos onde havemos de procurar as matérias primas de que necessitamos para a nossa vida interna, é porque a paz existente é uma paz de facturas e não uma paz de homens livres e verdadeiramente humanitários».

E nas terras mediterrâneas do sul que o chefe do Estado italiano quer encontrar asilo para este excesso de população.

Já não basta à monarquia italiana ter anexado as terras irridantes; de se ter instalado em Fiume e em Zara; de ter anexado 500.000 ingos-slavos e de se ter apoderado da Dodecanésia. Agora, deseja o domínio do Mediterrâneo e não se esquece de que 150.000 súbditos italianos povoam as possessões tunisianas da França.

E preciso ver que afastando a atenção da Itália para os graves problemas do exterior, Mussolini procura assim arranjar uma maneira de desviar os olhos do regime fascista que se debate na vergonha e na infâmia.

Assim, em Roma, já não se trata do célebre «espírito divino», mas sim dos assuntos mediterrânicos, de fins imperialistas e de dominação colonial.

Escolas primárias Superiores

Uma velha aspiração da vila de Anadia

Sr. Redactor.—Quando principiou a grassar pela provincia a febre da criação das Escolas Primárias Superiores, imaginando toda a gente de bom senso e de boa-fé que elas viriam a ser verdadeiros centros de instrução e educação, onde os filhos dos menos abastados encontrariam um complemento de valor aos conhecimentos limitados da escola primária, propriamente dita, era presidente da comissão administrativa desta Câmara Municipal José Maria Simões, um grande artista da freguesia de Sangalhos, que tendo começado a sua carreira por uma modestíssima forja de ferreiro, transformou a sua acanhada oficina em um estabelecimento de bicicletas, ourivesaria e relojaria, máquinas de costura, etc., que sobressaia aos mais importantes do distrito, mesmo em cada uma das especialidades.

Pois bem: este grande artista que se instruiu a si mesmo, chegando a possuir complexos conhecimentos, lembrou-se de procurar todos os meios ao seu alcance, para conseguir uma Escola Primária Superior para a sede do nosso importante conselho.

Escusado será dizer que, por tradição da política passada, foi o caso entregue a um deputado por Aveiro, mas esse grande político era natural da nossa vizinha e rival «Aguada a Linda» e como lhe fôsse dito na Direcção Geral da Instrução que apenas havia verba orçada para a criação de uma só escola, entendeu... e muito bem, que ela deveria de funcionar em Aguada e não em Anadia, como lhe tinham pedido os políticos daqui.

Ora, como se diz agora que o ministro da Instrução, dr. sr. Sousa Junior, vir dar um grande desenvolvimento ao ensino primário superior, apressamo-nos a lembrar aos grandes repubblicanos nossos patricios, que não se esqueçam de conseguir que seja desta vez estabelecida em o nosso concelho uma dessas importantes escolas.—Anadia, 16.—Um assinante de «A Batalha».

MAIS

TRÊS MILHÕES DE ESCUDOS

vão ser distribuídos pela feliz Casa Travassos, rua da Palma, 43, onde será vendida a Sorte Grande da loteria do Natal

No dia 4 já foram vendidos os 300 contos

GRANDE PALPITE

para os 3.000 contos... no nº 4938, aberto em cautela nos quiosques do largo do Conde Barão!

Havereza do Conde Barão

Números abertos em cautela: 4841, 4272, e 1566; grande palpite para os 3.000 contos!!

## A BATALHA

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

## “A GRANDE NOITE”

### A primeira representação no Apolo do drama social em 3 actos de Leopoldo Kampt

«A grande noite» são três actos vigorosos, arrojados e emotivos que sacodem os espectadores, revolucionários ou conservadores, na sua impetuosa rajada de ideal e de paixão. Além duma peça escrita e uma peça vivida. Leopoldo Kampt fez a escrita e um homem com duas odisséias: a primeira, a maior, como revolucionário, lutando contra uma autocracia poderosíssima, a segunda, como autor dramático, correndo mundo, indo da Alemanha à América, da América à Europa, para conseguir que a sua grande e bela peça fosse representada. O poder corruptor do império russo perseguia-o no estrangeiro; não se perdoava ao homem que fosse um revolucionário e ao autor dramático que tivesse feito «Le Grand Soir».

Ao subir o pano, para o primeiro acto, entramos de choíre na Rússia de antes da guerra, a de Nicolau Romanoff, onde um despotismo se expande em cruel ferocidade, contra aqueles para quem a liberdade é mais penetrante do que a vida e mais forte do que o amor. É uma tipografia clandestina, instalada numa casa pobre. Primeiros tipos de revolucionários: Antor, Tatchov, um doloroso, cheio de negros presentimentos, mas um audaz e um sacrificado; sua mulher Sofia Ivanova e Masha, duas raparigas duas iluminadas a quem um ideal, intensamente sentido quasi faz esquecer-lhes a mocidade e o sexo. Com a entrada de Vassili fica-se em pleno drama. Vassili ama intensamente Ana Kihonskanja. Mas na causa não há homens, nem mulheres; há camaradas, isto é, criaturas que calcam todos os sentimentos pessoais, que a tudo resignam para que na sua luta contra uma tirania monstruosa, o coração lhes não desfaleça, nem nas suas energias se dê o mais ligeiro amortecimento. Vassili, o eterno amoroso a quem as dificuldades exarcebam, está quasi doente, na sua luta entre a obsessão duma mulher que ardentemente deseja e a duma causa a que consagrou a vida. Atinge o paroxismo: chega a odiar a causa que ele julga roubar-lhe a mulher. No primeiro acto Vassili, apesar do seu orgulho e da sua energia moral, desvendado o seu segredo, quasi sucumbe, quando abandona num trompante a tipografia.

Subitamente a trepa invade a casa prende e maltrata os revolucionários. Tatchov Kieff, um foragido das prisões, onde arruinou a saúde oferece, do seu revólver, cinco balas para os outros porém têm a vida. Ele que prefere a morte à prisão suicida-se.

No 2.º acto é mais intensa e próxima a Rússia da miséria e da revolução. Uma reunião secreta, novos tipos de revolucionários, admiravelmente desenhados; outra vez Vassili, outra vez Ana. O amoroso cede ao revolucionário: Vassili e Ana abraçam-se, amam-se. Súbito, na rua, terrível e magestosa, a Internacional, o hino dos revoltados do mundo inteiro: é uma manifestação socialista, revolucionária. Sente-se todo o entusiasmo, toda a cólera duma multidão que vem lentamente aproximando-se. Tropear de cavalos, notas vibrantes dum clarim, descargas cerradas: é o fusilar do povo, o massacre.

Vassili, o amoroso, não vence o Vassili revolucionário. É necessário vingar o massacre, atingir o responsável. E Vassili firme, activo, energético, sem um desfalecimento, está pronto para o atentado, para o sacrifício.

No terceiro acto Ana está, numa casa aristocrática, vigiando a saída do governador que se encontra na Ópera. Se a sua carruagem vier pela rua onde está Vassili, Ana erguerá um candeiro, o alicatado executará. Morrerá o governador, mas Vassili ficará sem vida. Há ainda uma derradeira esperança para o seu coração apaixonado: a carruagem do governador pode seguir pela rua, onde outro grupo revolucionário espera; o governador morrerá, mas Vassili não correrá perigo. Fatalidade! O governador vem ao encontro da morte pela rua em que Vassili, energético e terrível, o aguarda. O seu dever de revolucionário é dar o sinal, erguer o candeiro. Porém, a mulher hesita, a amorosa quasi se revolta. Em poucos segundos um drama formidável de consciência se passa...

A causa vence, triunfa o dever mais alto: Ana ergue o candeiro, e ao explodir a bomba que derrubará um carrasco, mas que lhe arrebatou para sempre o amante, desfalece, esmagada, vencida por uma luta heróica e bela. A sua alma viverá o seu mais trágico minuto. Sacrificara o amor, perderá o amante, mas a causa obteve mais uma vitória; os humildes estavam, transitivamente, vingados.

É isto, a largos traços, a peça que uma plateia, que era uma multidão, aplaudiu com entusiasmo, quasi delírio.

Nogueira de Brito traduziu-a meticolosamente e com brilho.

Desempenho: a companhia do Apolo lutou para realizar um esforço talvez superior às suas forças. Deficiências: as naturais, em «primeiros». A hora adiantada em que escrevemos proíbe-nos mais desenvolvida referência.

CRISTIANO LIMA

### MADAME FLIRT

Teatro São Carlos

obtem todas as noites ferverosos aplausos

Deveras Impressionante o cenário e as decorações e "toilettes"

do último acto

Hoje repete-se a comédia Hoje

Santarem

O primeiro embate

SANTAREM, 18.—Com a organização dos manipuladores de pão, surgiram já as costumadas perseguições, aliás próprias da primeira manifestação reacçãoária do patronato.

Em todas as épocas, em todas as classes os factos são idênticos, com o objectivo principal de fraccionar a classe que se procura emancipar.

Já se consumou o primeiro despedimento na classe dos manipuladores de pão, o que não deve amedrontar os restantes elementos, pois é o filho da reacção que o patronato faz a sua obra.

O que deve integrar-se na solidariedade de classe, procurando vencer este embate patronal.—C.

Hoje, no Nacional, effectua-se a última recita da enternecedora peça «Hora de Amor», cuja interpretação é tão cheia de graça, beleza e encanto.

Hoje última recita no

Teatro Nacional

da encantadora comédia

Hora de Amor O Desejo

Desempenha inequalável

TERÇA FEIRA

Original de WOLFF, tradução de J. Sarmento

TERÇA FEIRA

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE = 2 SENSACIONAIS ESPECTÁCULOS 2 = HOJE

A's 14,30 (2 e meia)

Grandiosa «matinée»

Deslumbrante «soirée»

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

O número mais atraente de todas as épocas ORIGINAL ORQUESTRA MARIMBA EXCELSIOR

Delicioso e extraordinário programa musical 8 FÉROZES LEÕES 8

AUDACIA ARROJO VALENTIA

### Mina de S. Domingos

O desenvolvimento da organização e a atitude dos lavradores

MINA DE S. DOMINGOS, 18.—A propaganda desenvolvida entre os trabalhadores daqui vai produzindo os seus salutaros efeitos.

Depois da organização dos mineiros, outras classes preparam-se para constituírem os seus organismos sindicais, mas necessários neste período de terrível crise.

Um grupo de rurais de S. Bartolomeu da Via-Gloria está estudando as bases da fundação do seu sindicato, tendo já escolhido os elementos para a respectiva comissão organizadora.

Junto do Sindicato Mineiro têm estado colhendo elementos de guia para a formação do seu sindicato.

Mas os lavradores já começaram contrariando os propósitos dos trabalhadores, evitando cultivar algumas terras onde seriam empregados trabalhadores.—C.

HOMENS

SENHORAS

crianças

a todos seduz a surpreendente mágica

O BOLO-REI

ENORMÍSSIMO ÊXITO

EDEN TEATRO

(Telefone Norte 3800)

Representa-se

HOJE E TODAS AS NOITES

com o engrapadíssimo quadro novo

A COVA DO LADRÃO

Assalto a uma imprensa clandestina—A policia prende todos os moradores de uma mansarda—Um rebote falso

Há dias que nos centros de cavaco se vinha discutindo discretamente um facto que alarmaria toda a cidade. Ontem, esse facto consumou-se, com o assalto a uma das mais importantes tipografias de Lisboa, onde se dizia estar imprimindo clandestinamente o jornal «A LUZ». O boato era falso. Imprimia-se, de facto, um jornal que era destinado a peça «A Grande Noite», que ontem alcançou um grande êxito no teatro Apolo e que hoje se repete.

Publicações recebidas

Mascaras de Teatro, n.º 11, com um bom retrato de Ribeiro Lopes, e a reprodução do mesmo artista no papel de cartão D. Henrique da peça de D. João da Câmara.

Da fábrica da Vista Alegre uma obra em 3 volumes com os títulos: O livro do seu centenário (1824-1924), Aprendiza no livro do seu centenário e catálogo da exposição (1824-1924), trabalho de João Teodoro Pinto Basto, editado sob a direcção de Lopes Vieira.

Alma de Sacadura Cabral, por D. Maria Feio, livro consagrado à memória dos aviadores que realizaram a travessia Lisboa-Rio de Janeiro; 70 páginas e fotografias.

A. B. C., n.º 231, interessante número especial dedicado ao aviador Sacadura Cabral.

Educação Social.—Revista de Pedagogia e Sociologia, n.º 24.—Número especial: «A Sociologia na Educação», com 48 páginas e vários retratos. Sumário: Caracter social do Ensino da História, dr. José G. Santa Rita; Emile Durkheim, Efeitos intelectuais, morais e sociais do exercício voluntário, dr. Francisco Pinto Miranda; John Dewey—Educação cívica—Educação social, Alvaro V. de Lemos; Adolpho Ferrer—O Ensino da Sociologia, César Porteiro; Saverio de Dominici—Página selecta—Ellen Key—Sociologia e Pedagogia, Adolfo Lima; G. Kerchen Steiner.

Livro de ironias (sátira e filosofia), por Neves de Carvalho.

Factos diversos

\* Promovido pelo quinzenario *Guitarra de Portugal* realiza-se no dia 28 deste mês, no «Restaurant Ferro de Engomar» em Benfica, um jantar de homenagem aos srs. Aveiro de Sousa e António Custódio Nunes.

A inscrição encontra-se aberta na Tabacaria do Café Itália e na redacção da *Guitarra de Portugal*.

## A América do Sul e a crise económica mundial

Nós os europeus, em geral conhecemos muito pouco as condições económicas e sociais dos países da América do Sul. No entanto, estamos talvez em melhores condições de apreciar o estado da América do Sul, do que os nossos camaradas de além Atlântico.

Para nós, é fácil notar que o desenvolvimento económico destes próximos tempos terá um papel importantíssimo na América do Sul. Isso deduz-se do seguinte:

A crise económica actual distingue-se das anteriores, em que o desequilíbrio da economia mundial é muito maior devido à guerra. Enquanto que antigamente a relativa super-produção nos países capitalistas se efectuava devido ao desequilíbrio da produção que bastava às necessidades do mercado mundial, a relativa super-produção actual agrava-se porque grandes territórios pertencentes ao capitalismo foram devastados pela guerra, perdendo assim as suas forças de aquisição. Assim aconteceu na Alemanha, nos países da ex-moarquia austro-húngara, Polónia, Rússia e Balkans.

Dal provém a necessidade de abrir novos mercados para os países capitalistas que ainda conservam a sua economia intacta, como os Estados Unidos, Japão e Inglaterra.

Se olharmos para o globo terrestre sob esse ponto de vista vê-se que o continente mais extenso e povoado, a Ásia, está sob as garras do capitalismo (não falando na Sibéria). Durante alguns anos parecia que a China estava destinada a servir de mercado aos países de super-produção industrial, mas a China já não é o país indefeso que parecia ser até agora. Formou-se um exército chinês suficientemente capaz de aumentar os gastos de penetração capitalista. Finalmente não se pode realizar esta conquista sem uma luta prévia entre o Japão e os Estados Unidos. Estes motivos tornam difíceis ao capitalismo *yankee* a abertura do mercado chinês.

Quanto ao continente africano, aparte alguns territórios ocupados por Portugal, Inglaterra e França existem enormes extensões de terrenos que são perfeitamente desertos, pouco propícios para a economia capitalista.

Resta, pois, como campo de expansão para o capitalismo só a América do Sul. Já antes da guerra o capital *yankee*, inglês e alemão pôs ali o pé, mas com êxito parcial.

As condições naturais para o desenvolvimento económico são ali muito mais favoráveis do que na Europa. Embora o clima em muitos países oponha dificuldades a que estes sejam habitados por homens de raça branca, há em compensação outros, muito extensos, onde o clima e as condições naturais lhe são propícias. Os territórios tropicais prestam-se mobilizando os habitantes naturais dos mesmos para um trabalho intensivo. Há grandes possibilidades de explorar os bosques, as riquezas do solo, etc. Tudo isso só se pode valorizar, dotando os territórios de toda a espécie de comunicações. Assim vemos como o capital americano se esforça em conquistar esse continente com as construções de grandes linhas férreas.

A frente de todos está, pois, o capital *yankee*, que está tratando de monopolizar a América do Sul.

O operariado sul-americano está-se preparando para fazer fracassar estas previsões do capital americano.

Para isso a comissão primordial é que o movimento proletário daqueles países não se limite aos operários qualificados e de raça branca, mas também adaptando-se às circunstâncias—é preciso reunir todos os explorados sem distinção de raça e de cor para que seja organizada a luta contra o capitalismo.

A última hora!

Assalto a uma imprensa clandestina—A policia prende todos os moradores de uma mansarda—Um rebote falso

Há dias que nos centros de cavaco se vinha discutindo discretamente um facto que alarmaria toda a cidade. Ontem, esse facto consumou-se, com o assalto a uma das mais importantes tipografias de Lisboa, onde se dizia estar imprimindo clandestinamente o jornal «A LUZ». O boato era falso. Imprimia-se, de facto, um jornal que era destinado a peça «A Grande Noite», que ontem alcançou um grande êxito no teatro Apolo e que hoje se repete.

Publicações recebidas

Mascaras de Teatro, n.º 11, com um bom retrato de Ribeiro Lopes, e a reprodução do mesmo artista no papel de cartão D. Henrique da peça de D. João da Câmara.

Da fábrica da Vista Alegre uma obra em 3 volumes com os títulos: O livro do seu centenário (1824-1924), Aprendiza no livro do seu centenário e catálogo da exposição (1824-1924), trabalho de João Teodoro Pinto Basto, editado sob a direcção de Lopes Vieira.

Alma de Sacadura Cabral, por D. Maria Feio, livro consagrado à memória dos aviadores que realizaram a travessia Lisboa-Rio de Janeiro; 70 páginas e fotografias.

A. B. C., n.º 231, interessante número especial dedicado ao aviador Sacadura Cabral.

Educação Social.—Revista de Pedagogia e Sociologia, n.º 24.—Número especial: «A Sociologia na Educação», com 48 páginas e vários retratos. Sumário: Caracter social do Ensino da História, dr. José G. Santa Rita; Emile Durkheim, Efeitos intelectuais, morais e sociais do exercício voluntário, dr. Francisco Pinto Miranda; John Dewey—Educação cívica—Educação social, Alvaro V. de Lemos; Adolpho Ferrer—O Ensino da Sociologia, César Porteiro; Saverio de Dominici—Página selecta—Ellen Key—Sociologia e Pedagogia, Adolfo Lima; G. Kerchen Steiner.

Livro de ironias (sátira e filosofia), por Neves de Carvalho.

Factos diversos

\* Promovido pelo quinzenario *Guitarra de Portugal* realiza-se no dia 28 deste mês, no «Restaurant Ferro de Engomar



MARCO POSTAL

Nicolas-A. P.-Diário e suplemento pagos até 31 de Dezembro.  
Grândola-J. L. C.-Diário pago até 5 de Fevereiro.  
Lisboa-J. A.-Diário pago até 31 de Dezembro.  
Lisboa-A. J.-Diário pago até 31 de Janeiro.  
Lisboa-A. J.-Diário pago até 31 de Janeiro.  
Lisboa-A. J.-Diário pago até 31 de Janeiro.  
Lisboa-A. J.-Diário pago até 31 de Janeiro.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7,51
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,18
D.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	1	8	15	22	Q. C. da 3ª 9,10
T.	2	9	16	23	L. C. a 11, 7,03
Q.	3	10	17	24	Q. M. a 19, 10,11
					L. N. a 26, 3,40

MARÉS DE HOJE

Pratamar às 10,29 e às 11,02  
Baixamar às 3,25 e às 3,59

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Londres, 60 dias de vista	66,800	68,200
Londres, cheque	66,800	68,200
Paris	48,8	49,4
Paris, 3 meses	48,8	49,4
Belgica	12,05	12,00
Italia	8,55	8,60
Italia, 3 meses	8,55	8,60
Madrid	20,05	20,10
New York	21,013	21,015
Brasil	2,27	2,27
Romega	2,27	2,27
Suecia	13,68	13,70
Dinamarca	13,68	13,70
Praga	13,68	13,70
Buenos Aires	13,68	13,70
Viena (1000 coroas)	3,29	3,31
Reunificacao euro	2,27	2,27
Agio do ouro 1%	2,27	2,27
Libras ouro	132,200	132,200

O que há hoje

MÚSICA

Tecto Politeama.-Concerto sinfonico de 12 horas.

BENEFICENCIA

Res. Directora do Primeiro Infancia.-A's 15 horas, festa do aniversario.

SOLIDARIEDADE

Soc. Recreacao de Figueira.-A's 21 horas, festa de gala a Joaquim Coelho.

EXPOSIÇÕES

Jardim Zoologico.-Girafa, hipopotamo, elefante e variadas especies zoologicas.

SOCIEDADES DE RECREIO

De Choras.-A's 15 horas, sessão a memoria do falecido conselheiro Guilherme Fernandes de Almeida.

ASSEMBLEIAS

Algo Drô-Moral.-A's 13 horas, edificio de São Vicente, apreciação aos actos da gerência finda e nomeação da comissão revisora dos estatutos.

LIGA DE DEFESA DOS ANIMAIS

Inaugura, a 14 horas, o posto de cirurgia e medicina veterinária no seu edificio da rua do Cais de Santarem (edificio da Contrataria).

ESPECTÁCULOS

TEATROS

São Carlos.-A's 21,30.-Madame Filini.

São Luís.-A's 21.-A Dança das Libelulas.

Al's 15.-Concerto.

Politeama.-A's 21.-A Hora do Amor.

Politeama.-A's 21.-E preciso viver.

Al's 15.-Concerto.

Trindade.-A's 21,15.-A Menina do Chocolate.

Trindade.-A's 21,15.-A Grande Noite.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

Al's 15.-Concerto.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

legitimo metal AUER, unica privilegiada e acreditada universalmente  
oro ser a que faz o melhor e mais  
que tem maior duracao.  
DUZIA 60 CENTAVOS  
(custo com as imitações)  
a os centos e aos milhares, assim como  
queiros, rodas, tubos, pipos e tampões,  
aos melhores preços para revenda.  
Pedidos a CARLOS A. SANTOS  
Deposito: Rua do Arsenal, 100-LISBOA

César A. Paiva

Cirurgião dentista do hospital de São José e anexos  
100, rua do Arsenal, 100, 1.º  
Participa ao ex.º público que devido à  
baixa cambial faz reduções de preços em  
todos os seus tratamentos.

DENTES ARTIFICIAIS

a. 3400.-Otitis aguda e crónica-Extra-  
classe sem dor a 1000  
Das 10 às 12 no consultório de  
MARIO MACHADO  
da Escola Dentaria de Paris  
Chiado, 74, 1.º-Telef. 2.418

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócas e  
mactasas, tubos, molinos, chaminés de 2 e  
3 peças, tampões, vendem-se no Largo  
Conde Barão, n.º 53 e quiosque.  
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata  
a casa que fornece em melhores con-  
dições.

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais  
e artísticas de autores portugueses e estran-  
geiros.  
Trabalhos tipográficos, cartões e livros  
de escultura, mapas de escultura, mapas  
de escultura de costas e de matrículas  
para Sindicatos, Cooperativas, Comunas,  
Juventudes, etc.  
Grande sortimento em material escolar,  
artigos de papelaria e escritório, sempre  
aos preços mais baixos do mercado.  
Grande obra de Vitor Hugo, "OS  
MISÉRABLES", ilustrada por assinaturas,  
tomo e encadernada com capas especiais  
em 2 grandes volumes a 4000, acrescentan-  
do-se de porte o embalagem para a pro-  
priedade.  
Sempre novos artigos e novidades literá-  
rias.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poais de São Bento,  
27 e 29  
LISBOA

A GRANDE BAIXA

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . . . 3000  
Sapatos para homem . . . . . 2800  
Botas pretas (grande salido) . . . . . 4000  
Botas brancas (salido) . . . . . 2800  
Grande salido de botas pretas . . . . . 4000  
Botas de cor para homem . . . . . 4000

Sais DERMOMA

O melhor contra todas as  
dores e males  
dos pés.

INCENÇÃO

ENTORPECIMENTO  
QUEIMADURAS  
CALOS  
FRIEIRAS  
DUREZAS  
BOLHAS D'AGUA  
COMIÇÃO

Cura radicalmente as verrugas suprimindo logo  
a dor, comichão, inchaço e inflamação.  
A' venda em todas as farmácias e drogarias.  
Deposito: Mário Brandão, Ltd.-Rua Engenheiro  
dos Santos, 22-Lisboa.

N. B.-Exijam os verdadeiros Sais "Dermoma"  
e recusam as imitações que não têm nenhum valor  
curativo.-Laboratório J. Rante, 62, Rua  
Gambetta-19112.

Associação Recreativa e Desportiva

Largo do Doco Novo, 27-27

A comissão administrativa convidou os sócios a ren-  
darem segunda-feira, 27 de dezembro, às 21 horas na rua dos Poais  
de São Bento, 27-29, para assunto urgente.

AOS OPERÁRIOS

Chapéus de feltro a . . . . . 22\$00  
Mezclas a . . . . . 40\$00

Qualidades garantidas e formatos modernos sóno

ARMAZEM DE CALÇADO E CHAPÉUS

Rua dos Fanqueiros, 400, 1.º

(junto à Rua da Palma)

VENDAS POR CONTA DAS FÁBRICAS

DURANTE ALGUNS DIAS

Grande liquidação por

motivo de balanço

20 0/0

de desconto em todo o nosso sortido

de fazendas para fatos, sobretudos,  
vestidos e casacos.

Esplêndidas fazendas para

fatos aos preços seguintes:

(preços sem descontos)

19\$500 32\$500

25\$000 37\$500

28\$000 39\$500

Visitem os depósitos dos

fabricantes da Covilhã

DONAS & C.ª

EM LISBOA:

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

Pedimos a máxima atenção para os

números dos nossos depósitos.

NO PORTO:

Rua Fernandes Tomás, 392 A

Milhares de curas

SE DEVE AO

HERPETOL

Unico remédio eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi torturada por uma ferida comichão.  
Depois de ter usado várias pomadas e outros ingre-  
dientes que aos pais aconselhavam, resolveram con-  
sultar o médico, o qual recebeu um frasco de HER-  
PETOL.

A pele, que tinha a aparência escamosa muito irri-  
tada, tornando a criança a um permanente coçar, logo  
as primeiras aplicações de HERPETOL, sentiu-se con-  
sideravelmente aliviada, e antes de terminado, um frasco  
tudo as manifestações haviam desaparecido.

É recomendado em todos os casos de eczema  
humido e seco, inchaço, erupções, espinhos e eror-  
duras de insetos.

A' venda em todas as farmácias e R. da Trindade, 27,  
Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo de Conde Barão 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

OURO E JOIAS

NOVO E USADO

Vende-se a preços segundo o câmbio

actual, joias, cordões de ouro e correntes

modernas, fabricadas com ouro massico,

relogios de bolso e parede das melhores

marcas, etc.,

RUA DE SÃO PAULO, 31

(JUNTO AO ARCO)

TUDO AOS MONTES



VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

VENDE-SE ESTAMPILHA

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,  
louça esmaltada, parafusos, fun-  
dos para caldeiras,  
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,  
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO AMPARO, 86-LISBOA-TELEF. 3930, N.º 1

gramas, FERRAGENS

gramas, FERRAGENS

gramas, FERRAGENS

gramas, FERRAGENS

gramas, FERRAGENS

gramas, FERRAGENS

gramas, FERRAGENS

gramas, FERRAGENS

gramas, FERRAGENS



# A BATALHA

O sindicalismo não admite a colaboração de classes nem o oportunismo dos reformistas, mas não renuncia à constante, progressiva e diária melhoria da vida individual e social, conquistada directamente.



## A industrialização dos arsenais

### A grande sessão de hoje, promovida pelo S. do Pessoal do Arsenal do Exército

O projecto de lei apresentado ao parlamento sobre a industrialização dos arsenais, pelo ex-ministro da Guerra sr. Vieira da Rocha, mereceu o interesse do pessoal do Exército, um criterioso estudo, inteligentemente conduzido no sentido de preservar o operariado, que aquele organismo representa, dos efeitos desastrosos da projectada industrialização.

De novo aquele sindicato volta a agitar o assunto emprestando-lhe a vibração que este magno problema merece.

O seu órgão corporativo *O Arsenalista*, publicando o projecto de lei, faz-lhe um viçoso comentário, que extraímos do seguinte trecho:

«O projecto de lei apresentado ao Parlamento pelo ex-ministro da Guerra sr. Vieira da Rocha, consubstancia um critério que nos parece muito afastado de poder corresponder aos resultados tão seguros e vantajosos que tanto se reclama, não só em conversas particulares, como em centros políticos, e por intermédio da imprensa.

Se assim julgamos é porque em matéria de administração técnica encontramos nos regulamentos a que está sujeito o Arsenal do Exército, doutrina que paralelamente conduz aos mesmos fins. A parte um ou outro pormenor, de que resultam deficiências que, estamos certos, não serão solucionadas com a execução do disposto no projecto de lei em referência, dada a maneira abstracta da sua redacção.

Só uma matéria se nos afigura absolutamente concreta: é a que define o desejo máximo de colocar o pessoal fabril que presta serviço nestes estabelecimentos, numa situação de inferioridade material e moral digna de roceiros industriais, já tendo feito a sua época: que bastante fugidia vai — e imprópria das aspirações e da civilização que já atingimos.

Conforme ontem noticiámos, realiza-se hoje uma grandiosa sessão para tratar este melindroso assunto.

A sessão, por razões especiais, efectua-se na sede do sindicato referido, Campo de Santa Clara, 87, às 14 horas.

### PROPAGANDA SINDICAL

### Decorre muito animada uma sessão em Marinha Grande

MARINHA GRANDE, 19.—Realizou-se nesta localidade uma importante sessão sindical no dia 17, sessão em que falaram delegados da Federação Metalúrgica.

Presidiu Manuel da Silva Marques, secretariado José Francisco Azevedo e Alvaro Duarte.

Usou da palavra José Gonçalves que começou fazendo a apologia da acção directa, para enfrentar os problemas actuais, salientando depois a sua necessidade, que diz ser imperiosa.

Em seguida frisa passagens da organização de Lisboa para reforçar o seu critério que, acrescenta o orador, tem dado resultados profícuos.

Ataca a ditadura espanhola, e seus sequazes, ditadura mantida e apoiada por Primo de Rivera.

Depois faz uma sucinta exposição da cidade ditadura, e mostra como tem sido bárbara e desumana, ao ponto de tentar assassinar Acher El Poeta, pelo simples motivo de ele compor poesias em que atacava e punha a ridículo a organização vigente da Espanha.

Aprovou-se um protesto contra a ditadura ouvindo-se por toda a sala o grito de abaixo o Rivera e a sua grei.

Fez em seguida uso da palavra Francisco Viana que se refere, à mulher, reportando-se à sua situação de outrora, e à que ela tem actualmente.

Diz que é necessário que o homem a eleve, a beneficie, a ajude, a liberte porque ela, escrava, não deve mais tempo suportar duas tiranias — a da oficina e a do lar.

O proletariado — diz — deve trazer as reuniões as suas companheiras, as suas filhas, enfim as pessoas das suas relações.

Protestou contra a condenação de Manuel Ramos, descrevendo o motivo que levou o citado camarada a praticar a acção, que considera um facto natural, e que muitos dos que o condenaram, poderão ser determinados para igual acção.

Ataca a fundo a sociedade actual, que condena um operário aplaudindo os crimes dos envenenadores do povo.

A sessão foi encerrada, com frenéticos vivas à organização operária, C. G. T., A. I. T. e Batalha.—C.

### Uma importante sessão no Teatro Elvense

ELVAS, 16.—Realizou-se hoje uma sessão de propaganda no Teatro Elvense, com a presença dos delegados da C. G. T. e da Federação dos Trabalhadores Rurais, à qual concorreu a maioria do operariado elvense.

Usaram da palavra vários elementos desta localidade, Jerónimo de Sousa, pela C. G. T., e Joaquim Candeira, pela Federação Rural, que se conduziram numa forma brilhante, sendo no final muito ovacionados.

Foi aprovada uma moção para se oficiasse ao ministro da Justiça protestando contra a condenação de Manuel Ramos, assim como também pedindo a libertação de todos os camaradas que se encontram presos há mais de dois anos por questões sociais.—E.

### Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

#### CONSULTAS NO PORTO

Amanhã, pelas 21,30 horas, o dr. Campos Lima dá consultas jurídicas, na sede da União dos Sindicatos Operários do Porto, a todos os operários que o necessitem, devendo os interessados apresentar as suas cadernetas confederais em dia.

### O SINDICALISMO EM MARCHA

### A inauguração do Sindicato dos Manipuladores de Pão de Santarém

SANTAREM, 19.—Na entrevista que publicámos há dias, em *A Batalha*, depreendia-se o entusiasmo que a classe dos manipuladores de pão ia tendo pela constituição do seu sindicato profissional, entusiasmo que se avolumava com o desenvolvimento dos trabalhos preliminares pré-organização sindical.

Convencionado o dia da inauguração do referido sindicato, da organização dos manipuladores de pão de Lisboa vieram, como delegados, Borges Gambôa e Abrantes Castanheira.

Essa sessão realizou-se ante-ontem, na Associação dos Caixeiros, com grande concorrência.

Usaram da palavra os delegados referidos que durante duas horas demonstraram o valor do sindicalismo, fazendo uma larga propaganda das organizações por indústria, historiando-se as vantagens que daí advêm. Citam várias greves, movimentos da classe de Lisboa, etc. Como à sessão assistissem alguns industriais, estes foram mimozados com ataques formidáveis à classe a que pertencem, acabando por retirar-se sem que houvesse algum incidente. São lidas algumas passagens dos estatutos por que se rege a classe em Lisboa, os quais serão aceites provisoriamente, até que seja aprovado e distribuído o estatuto típico da classe. Procedeu-se à eleição dos corpos gerentes, que ficaram assim compostos:

Gaspar dos Anjos Amado, Manuel Oliveira Santos, José M. Pereira Teles, Guilherme Salgado e Manuel Urbano Duarte, respectivamente, presidente, secretário, tesoureiro e vogais.

Antes de encerrar-se a sessão os delegados Frago e Gaspar usaram da palavra, referindo-se ao acto que vem de realizar-se, tendo palavras de incentivo para o prosseguimento da missão encetada.—C.

### Festas de solidariedade

#### A da «Nova Voz»

A festa de propaganda esperantista que a Sociedade Operária *Nova Voz* está organizando foi transferida para o dia 10 de Janeiro próximo. Tudo se conjuga para que resulte brilhante esta recita, pois que a interpretação da peça escolhida está confiada ao Grupo Dramático *Os Choras*, já sobejamente conhecido nos meios operários, e além disso vários números, como o de ilusionismo pelo conhecido especialista Eduardo Delvas, preenchem o programa. Em breve daremos a constituição definitiva do programa. Os bilhetes podem requisitar-se na sede da *Nova Voz*, rua do Mundo, 81, 2.º.

#### A dos fabricantes de calçado

Realiza-se hoje, pelas 20 horas, no Salão da Construção Civil, a anunciada festa em homenagem a alguns fabricantes de calçado, que se encontram doentes.

O programa é o seguinte: Palestra por um militante operário; representação do drama «Furtar», de Bento Mantua; um acto de variedades, desempenhado pelo grupo dramático «Solidariedade Operária»; canção nacional, pelo Grupo Propagadores do Fado.

Abre-lhe esta festa o grupo musical «Os Bichinhos».

Como o programa foi alterado, por razões inesperadas, a comissão organizadora comunica a todos os possuidores de bilhetes que foi constrangida a aceitar essa modificação.

Em favor do Sanatório dos Empregados no Comércio

Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, na rua da Madalena, 225, 1.º D. um sarau em favor da construção dum sanatório para empregados no comércio tuberculosos, constando o programa de concerto pelo «jazz-band» dos alunos do Asilo António Feliciano de Castilho, conferência pelo dr. sr. Santos Ferro e trabalhos de ilusionismo por Eduardo Delvas, sendo a entrada pública.

A festa que se devia realizar hoje no Sindicato Metalúrgico, em homenagem a Francisco Baptista, por motivo de força maior, fica transferida para 24 de Dezembro, às 21 horas, previnim-se os camaradas que queiram bilhetes, que podem requisitá-los na sede do Sindicato, rua da Esperança, 122-2.º.

### O HORARIO DE TRABALHO

E' desrespeitado pelos manufactores de calçado do Extremoz

EXTREMOZ, 16.—Nesta localidade, em que todos os manufactores de calçado trabalham em oficinas, não se justifica o desrespeito ao horário de 8 horas, tanto mais que há bastantes operários desocupados, muitos, dos quais teriam trabalho se o horário se cumprisse. Assim havendo 140 operários empregados e 60 sem trabalho, se aqueles deixarem de fazer as duas horas extraordinárias que fazem cada dia — deixam 280 horas de produção, que chegam para empregar 35 operários, e muitos mais se poderiam empregar se se reduzisse o dia normal de trabalho, ou se usassem outros meios que em tais casos têm sido postos em prática em tais casos.—E.

Edições SPARTACUS  
ACABA DE APARECER:  
**O Amor e a Vida**  
Contos por CAMPOS LIMA  
Preço, 5\$00, Pelo correio, 6\$00  
A. venda na administração de A Batalha. Descontos nos revendedores.

Caixa de auxílio dos operários das fábricas H. Parry & Sons, Limitada  
LISBOA-DOCA E GINJAL  
2.ª e última convocação

Convoco a assembleia geral no dia 23 do corrente, pelas 17,30 horas, na sede da Caixa, no edifício da fábrica em Lisboa.

Ordem dos trabalhos:  
Eleição dos corpos gerentes para o futuro ano de 1925.

O presidente da mesa,  
Manuel Maria de Pinho

### RESPIGANDO...

## POLITIQUE E POLITICA

Mas pelo facto de termos diante de nós o belo e verdadeiro quadro da ideia, da sociedade futura, devemos atear-nos do que se passa em volta de nós? Pelo facto de não sermos, nem querermos ser políticos no sentido mesquinho de prosélitos dum partido, não devemos tratar dos factos cotidianos da política, satutando-lhes as inconsequências, os desmandos, a ilógica da sua existência, a estupidez dos seus processos, a grossaria dos seus expedientes torpes e imorais? Pelo facto de abominarmos as fronteiras, de considerarmos o Estado uma instituição profundamente artificial, por considerarmos o parlamento uma reles ficção, e o militarismo uma torpe violência, não devemos fingir que não existem e não lhes estigmatizar todos os seus vícios, toda a sua sem razão de existência? Nós devemos receber-lhes os coices e fingir que não lhes sentimos as ferraduras?

Não nos parece que assim deva ser. E' necessário acabar com este equívoco, com esse erro. A organização social sindical basta-se a si própria, é integral, e, portanto, ela deve exercer a sua acção em todas as actividades sociais e quanto mais se tratar de assuntos referentes a instituições fundamentais do actual organismo social, tanto maior, mais intensa, activa e constante deve ser essa acção a fim de o abalar e destruir nos seus alicerces.

Em vez de dizer «nada de política», devemos começar a tratar de política, flagelando as inoralidades e patentando a diferença entre a política empirica dos politiquinhos e a política científica, considerada como uma função e correspondendo a uma necessidade social e individual de coordenação de actividades.

O sindicalismo realizando por meio dos seus órgãos, sistemas e aparelhos de órgãos essa função de coordenação faz política, mas política científica, e é incompatível com o que se chama política partidária, a sua maior inimiga.

Uma coisa é fazer política científica, outra ser comparada dum partido; uma coisa é discutir, criticar o que é o parlamento, o que lá se faz ou se diz, e outra é prestar-se incoerentemente a ser um galopim ou a figurar na comédia cínica da acção parlamentar.

Uma coisa é discutir uma lei publicada, apreciá-la, tirar dela todo o proveito possível, outra é pedir uma leizinha, um regulamento como as crianças nos pedem um bôlo; uma coisa é observar, examinar e utilizar o que os nossos antagonistas fazem, outra é solicitar-lhes humildemente os favores e graças, uma coisa é aproveitar tudo que nos pode ser útil, outra é apelar constantemente para o Estado ou seu governo e dar-lhes força, justificando a sua existência com a acatitação da sua intervenção pedida.

Não devemos deixar de ver o que se passa em volta de nós. Devemos tomar conhecimento de tudo; e, como meio de defesa e de ataque, convém estar completamente sabedores das intimas e dernas organizações das instituições que mais hostis são ao progresso e aperfeiçoamento sociais.

A organização operária, por sentimento e por ideias, experimenta uma natural e justificadíssima repulsa pela política, e, recando emporcalhar-se com o seu contacto, alheia-se por completo da vida política, e deixa os politiquinhos à solta.

Naturalmente preocupada com as questões económicas, abandonou as questões políticas, não cogitou delas e esqueceu-se de que elas existiam, como se constituísse uma sociedade à parte e não vivesse dentro delas, sofrendo-lhes as consequências.

Por muito tempo, o operariado, vendo as coisas com simplicidade, julgou que, tratando do problema económico, solucionava a sua causa, sem se importar com os politicos profissionais — que medravam como cogumelos venenosos — nem com os parlamentares — que representavam a comédia dos delegados do povo — e alheou-se dos actos que uns e outros, de comum acordo, praticavam. Julgou que as questões sociais respeitantes às suas reivindicações económicas não tinham também um carácter político. Julgou que os fenómenos sociais são, na realidade, distintos, e que dentro de cada um não há sempre uma acção complexa de factores económicos, familiares, estéticos, intelectuais, morais, jurídicos e políticos.

Perdeu de vista que a questão social não é sómente económica, ou sómente moral ou jurídica, mas também política, e que é por ser tudo isto que ela é, afinal, uma questão social. E olvidou até, que o libertarismo e o anarquismo são doutrinas cujo ideal é essencialmente político, ideal dum organização social sem nenhuma espécie de autoridade.

Na justa náusea causada pela política empirica — a desmoralizadora política, ambiciosa do poder e de autoridade — despresou toda a espécie de política, confundindo aquela com a política científica e não vendo que esta é, por definição, contrária àquela, destruidora daquela e altamente moralizadora.

E, assim, quando enceta um movimento a favor dum reivindicação económica, esquece-se dos politicos, e dum momento para o outro, quando o movimento toma maior incremento e atinge o seu estado agudo e culminante, presta a alcançar a vitória, os srs. politicos aparecem, e com leis de excepção forçadas com a fácil cumplicidade do parlamento ou sem essa cumplicidade por não haver tempo de o reunir, com os sabres e as espingardas, proíbem tudo e... o resto, decretam o estado de sítio, suspendem as «garantias» — coisa que já não nos recordamos o que seja! — entram pelas associações dentro, apossam-se e esfrangalham todos os seus haveres, inventam achados de bombas, expulsam violentamente os operários das suas casas, levam-nos presos, em chusma, para os porões dos navios, ou para os fortes, e todo o movimento e todo o trabalho de longos anos se perde, tornando-se necessário recomençar a tarefa!

E porque?

Porque o operariado não reparou, não contou com a existência dos politicos, do parlamento, das «autoridades» enfeudadas e humildes serventudes dos poderosos patrões da industria e do comércio!

Porque o operariado, fiado na justiça da sua reivindicação e pensando que a política, a autoridade, não tem nada com os fenómenos meramente económicos com os problemas e questões económicas, não atentou nesta simples condição para fazer valer os seus ideais: a condição da liberdade.

Evidentemente, as reivindicações económicas estão na base, formam o substratum de todas as questões, mas é necessário, para que elas vingam, que o operariado tenha liberdade de acção e de pensamento.

Para tal conseguir é indispensável que o operariado conte com a resistência do monturo politiquinho e com os vermes pestíferos que nele se criam e desenvolvem.

E preciso que o operariado, bastante imunizado para não se contaminar, nem se meter dentro dos partidos e da ficção parlamentar, se não alheie ao que se passa nestas colectividades suspeitas. E exactamente por serem suspeitas é que ao operariado cumpre estar precavido contra elas, vendo e observando as suas manobras e faganhas tudo que se passa entre elas e, ao mesmo tempo, fiscalizar o que elas pretendem fazer.

Na justa náusea causada pela política empirica — a desmoralizadora política, ambiciosa do poder e de autoridade — despresou toda a espécie de política, confundindo aquela com a política científica e não vendo que esta é, por definição, contrária àquela, destruidora daquela e altamente moralizadora.

E, assim, quando enceta um movimento a favor dum reivindicação económica, esquece-se dos politicos, e dum momento para o outro, quando o movimento toma maior incremento e atinge o seu estado agudo e culminante, presta a alcançar a vitória, os srs. politicos aparecem, e com leis de excepção forçadas com a fácil cumplicidade do parlamento ou sem essa cumplicidade por não haver tempo de o reunir, com os sabres e as espingardas, proíbem tudo e... o resto, decretam o estado de sítio, suspendem as «garantias» — coisa que já não nos recordamos o que seja! — entram pelas associações dentro, apossam-se e esfrangalham todos os seus haveres, inventam achados de bombas, expulsam violentamente os operários das suas casas, levam-nos presos, em chusma, para os porões dos navios, ou para os fortes, e todo o movimento e todo o trabalho de longos anos se perde, tornando-se necessário recomençar a tarefa!

E porque?

Porque o operariado não reparou, não contou com a existência dos politicos, do parlamento, das «autoridades» enfeudadas e humildes serventudes dos poderosos patrões da industria e do comércio!

Porque o operariado, fiado na justiça da sua reivindicação e pensando que a política, a autoridade, não tem nada com os fenómenos meramente económicos com os problemas e questões económicas, não atentou nesta simples condição para fazer valer os seus ideais: a condição da liberdade.

Evidentemente, as reivindicações económicas estão na base, formam o substratum de todas as questões, mas é necessário, para que elas vingam, que o operariado tenha liberdade de acção e de pensamento.

Para tal conseguir é indispensável que o operariado conte com a resistência do monturo politiquinho e com os vermes pestíferos que nele se criam e desenvolvem.

E preciso que o operariado, bastante imunizado para não se contaminar, nem se meter dentro dos partidos e da ficção parlamentar, se não alheie ao que se passa nestas colectividades suspeitas. E exactamente por serem suspeitas é que ao operariado cumpre estar precavido contra elas, vendo e observando as suas manobras e faganhas tudo que se passa entre elas e, ao mesmo tempo, fiscalizar o que elas pretendem fazer.

Na justa náusea causada pela política empirica — a desmoralizadora política, ambiciosa do poder e de autoridade — despresou toda a espécie de política, confundindo aquela com a política científica e não vendo que esta é, por definição, contrária àquela, destruidora daquela e altamente moralizadora.

E, assim, quando enceta um movimento a favor dum reivindicação económica, esquece-se dos politicos, e dum momento para o outro, quando o movimento toma maior incremento e atinge o seu estado agudo e culminante, presta a alcançar a vitória, os srs. politicos aparecem, e com leis de excepção forçadas com a fácil cumplicidade do parlamento ou sem essa cumplicidade por não haver tempo de o reunir, com os sabres e as espingardas, proíbem tudo e... o resto, decretam o estado de sítio, suspendem as «garantias» — coisa que já não nos recordamos o que seja! — entram pelas associações dentro, apossam-se e esfrangalham todos os seus haveres, inventam achados de bombas, expulsam violentamente os operários das suas casas, levam-nos presos, em chusma, para os porões dos navios, ou para os fortes, e todo o movimento e todo o trabalho de longos anos se perde, tornando-se necessário recomençar a tarefa!

E porque?

Porque o operariado não reparou, não contou com a existência dos politicos, do parlamento, das «autoridades» enfeudadas e humildes serventudes dos poderosos patrões da industria e do comércio!

Porque o operariado, fiado na justiça da sua reivindicação e pensando que a política, a autoridade, não tem nada com os fenómenos meramente económicos com os problemas e questões económicas, não atentou nesta simples condição para fazer valer os seus ideais: a condição da liberdade.

Evidentemente, as reivindicações económicas estão na base, formam o substratum de todas as questões, mas é necessário, para que elas vingam, que o operariado tenha liberdade de acção e de pensamento.

Para tal conseguir é indispensável que o operariado conte com a resistência do monturo politiquinho e com os vermes pestíferos que nele se criam e desenvolvem.

E preciso que o operariado, bastante imunizado para não se contaminar, nem se meter dentro dos partidos e da ficção parlamentar, se não alheie ao que se passa nestas colectividades suspeitas. E exactamente por serem suspeitas é que ao operariado cumpre estar precavido contra elas, vendo e observando as suas manobras e faganhas tudo que se passa entre elas e, ao mesmo tempo, fiscalizar o que elas pretendem fazer.

Na justa náusea causada pela política empirica — a desmoralizadora política, ambiciosa do poder e de autoridade — despresou toda a espécie de política, confundindo aquela com a política científica e não vendo que esta é, por definição, contrária àquela, destruidora daquela e altamente moralizadora.

E, assim, quando enceta um movimento a favor dum reivindicação económica, esquece-se dos politicos, e dum momento para o outro, quando o movimento toma maior incremento e atinge o seu estado agudo e culminante, presta a alcançar a vitória, os srs. politicos aparecem, e com leis de excepção forçadas com a fácil cumplicidade do parlamento ou sem essa cumplicidade por não haver tempo de o reunir, com os sabres e as espingardas, proíbem tudo e... o resto, decretam o estado de sítio, suspendem as «garantias» — coisa que já não nos recordamos o que seja! — entram pelas associações dentro, apossam-se e esfrangalham todos os seus haveres, inventam achados de bombas, expulsam violentamente os operários das suas casas, levam-nos presos, em chusma, para os porões dos navios, ou para os fortes, e todo o movimento e todo o trabalho de longos anos se perde, tornando-se necessário recomençar a tarefa!

E porque?

Porque o operariado não reparou, não contou com a existência dos politicos, do parlamento, das «autoridades» enfeudadas e humildes serventudes dos poderosos patrões da industria e do comércio!

Porque o operariado, fiado na justiça da sua reivindicação e pensando que a política, a autoridade, não tem nada com os fenómenos meramente económicos com os problemas e questões económicas, não atentou nesta simples condição para fazer valer os seus ideais: a condição da liberdade.

Evidentemente, as reivindicações económicas estão na base, formam o substratum de todas as questões, mas é necessário, para que elas vingam, que o operariado tenha liberdade de acção e de pensamento.

Para tal conseguir é indispensável que o operariado conte com a resistência do monturo politiquinho e com os vermes pestíferos que nele se criam e desenvolvem.

E preciso que o operariado, bastante imunizado para não se contaminar, nem se meter dentro dos partidos e da ficção parlamentar, se não alheie ao que se passa nestas colectividades suspeitas. E exactamente por serem suspeitas é que ao operariado cumpre estar precavido contra elas, vendo e observando as suas manobras e faganhas tudo que se passa entre elas e, ao mesmo tempo, fiscalizar o que elas pretendem fazer.

Na justa náusea causada pela política empirica — a desmoralizadora política, ambiciosa do poder e de autoridade — despresou toda a espécie de política, confundindo aquela com a política científica e não vendo que esta é, por definição, contrária àquela, destruidora daquela e altamente moralizadora.

E, assim, quando enceta um movimento a favor dum reivindicação económica, esquece-se dos politicos, e dum momento para o outro, quando o movimento toma maior incremento e atinge o seu estado agudo e culminante, presta a alcançar a vitória, os srs. politicos aparecem, e com leis de excepção forçadas com a fácil cumplicidade do parlamento ou sem essa cumplicidade por não haver tempo de o reunir, com os sabres e as espingardas, proíbem tudo e... o resto, decretam o estado de sítio, suspendem as «garantias» — coisa que já não nos recordamos o que seja! — entram pelas associações dentro, apossam-se e esfrangalham todos os seus haveres, inventam achados de bombas, expulsam violentamente os operários das suas casas, levam-nos presos, em chusma, para os porões dos navios, ou para os fortes, e todo o movimento e todo o trabalho de longos anos se perde, tornando-se necessário recomençar a tarefa!

E porque?

Porque o operariado não reparou, não contou com a existência dos politicos, do parlamento, das «autoridades» enfeudadas e humildes serventudes dos poderosos patrões da industria e do comércio!

Porque o operariado, fiado na justiça da sua reivindicação e pensando que a política, a autoridade, não tem nada com os fenómenos meramente económicos com os problemas e questões económicas, não atentou nesta simples condição para fazer valer os seus ideais: a condição da liberdade.

Evidentemente, as reivindicações económicas estão na base, formam o substratum de todas as questões, mas é necessário, para que elas vingam, que o operariado tenha liberdade de acção e de pensamento.

Para tal conseguir é indispensável que o operariado conte com a resistência do monturo politiquinho e com os vermes pestíferos que nele se criam e desenvolvem.

E preciso que o operariado, bastante imunizado para não se contaminar, nem se meter dentro dos partidos e da ficção parlamentar, se não alheie ao que se passa nestas colectividades suspeitas. E exactamente por serem suspeitas é que ao operariado cumpre estar precavido contra elas, vendo e observando as suas manobras e faganhas tudo que se passa entre elas e, ao mesmo tempo, fiscalizar o que elas pretendem fazer.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

### O sindicato da construção civil continua tratando da abertura das obras do Estado

A comissão de negociações do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa que tem tratado junto das entidades competentes da abertura das obras do Estado voltou ontem a conferenciar com o ministro do comércio, sobre a admissão dos operários desempregados nos referidos trabalhos, com a urgência que a sua situação impõe.

Ficou resolvido que a referida comissão voltasse aquele ministério na terça-feira, a fim de conhecer quais as obras que poderão imediatamente principiar a funcionar.

A comissão de negociações conta também entrevistar amanhã o ministro do trabalho, sobre assuntos que se prendem com a admissão de operários nas obras do novo Manicóbio.

### Um convite aos serventes de pedreiro

O Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa convida os serventes de pedreiro desempregados a comparecerem hoje, às 15 horas, na sede do sindicato, para efeitos de colocação.

### Os rurais de Mértola

MINA DE SÃO DOMINGOS, 19.—Na industria mineira a crise atinge um número de 50 operários, que a empresa podia muito bem ocupar, também muitos rurais do concelho de Mértola andam em busca de trabalho, que só alguns conseguem e por salários tão baixos que representam um crime.—C.

### Os vidreiros de Marinha Grande voltam a ocupar-se da crise

MARINHA GRANDE, 19.—Teve lugar nesta localidade uma importante reunião magna, em que mais uma vez o operariado mostrou a sua indignação contra a forma desumana porque os industriais o tratam.

A sessão foi presidida por Januário Martins, secretariado por Manuel da Silva Marques e Jacinto da Silva.

Fez uso da palavra Eulálio Alves que explica o que há tratado sobre o assunto e expõe o resultado das «demarches». Diz que o ministro do Trabalho virá visitar a Fábrica Nacional e depois, segundo as suas declarações, resolverá o assunto pela maneira mais prática. Cita que a citada Fábrica é tida como uma casa abarrocada e sem condições de trabalho e que está descredenciada, acusando-se o operário deste descrédito. Ora isto é uma infâmia, afirma o orador. Em seguida apresenta contas e faz a apologia da forma ordeira como o operariado se tem conduzido, a pesar de haver vampiros que pretendem interceptar-lhe o caminho e por tal motivo prejudicar a solução da terrível crise em que se debate há perto de três meses.

Joaquim Alves de Freitas ataca a fundo a forma covarde como certo industrial escreveu ao ministro, dizendo-lhe que cada boca de forno a funcionar representava uma fábrica particular paralizada. Isto não é lógico, pois que não representa senão um ardil de que se servem para que a Nacional continue paralizada e eles fiquem sózinhos no mercado para poderem elevar ainda mais o preço do vidro. Até propriamente o ministro estranhou que os industriais baixassem os salários e deixassem intactos os preços dos artefactos da especialidade.

Para destruir o único refúgio que aos operários ainda resta, pretendem os industriais que a fábrica fosse transformada num jardim-escola, o que não conseguiram, mas isto não quer dizer que eles não procurem outras habilidades para conseguirem os seus almejos fins. O orador acabou por dizer ser necessário que o operariado tire lições práticas deste movimento, para que foi lançado pelos endinheirados, preparando-se para mais amplos destinos.

Em seguida, Januário Martins pronuncia um discurso de ataque aos industriais da terra e apela para que todo o proletariado se organize para poder resistir ao embate das forças endinheiradas.

Por último faz novamente uso da palavra Alves de Freitas que se refere à mulher, exortando todos os camaradas a que tragam às sessões as suas companheiras.

A sessão foi encerrada aos vivas à organização operária e Batalha.—C.

## ECOS DUM JULGAMENTO

O desprezo das forças vivas de Cabeço de Vide

CABEÇO DE VIDE, 17.—Entre os rurais Francisco José Realinho e Francisco Reguinga, existia uma desavença por motivo deste último ter agredido o outro, pelo que foi processado e julgado no mesmo dia em que o foram os outros rurais, tendo os advogados da C. G. T. conseguido que eles se harmonizassem, o que não satisfaz as «forças vivas» cá do burgo, que desejariam ver lavrada a desunião entre os rurais, tendo aconselhado Francisco Reguinga a impugnar a sentença, não o tendo, felizmente, conseguido.

Os seis operários que foram condenados a 45 dias de prisão, entregaram-se às autoridades no passado dia 15.—C.

Esclarecendo uma atitude

Procurou-nos Alfredo Monteiro, que há dias, numa sessão de protesto, promovida pela U. S. O., contra a ditadura espanhola, usou da palavra em nome do Socorro Vermelho, para nos dizer, ao contrário do que depreendia do relato de *A Batalha* respondeu afirmativamente à seguinte pergunta de Rozendo José Viana:

«Os anarquistas presos na Rússia também serão auxiliados pelo Socorro Vermelho?»

O reporter de *A Batalha* que assistiu à sessão não ouviu a resposta afirmativa que Alfredo Monteiro diz ter dado. Porém, como este declara tê-la dado, aqui registamos a sua afirmação.

Lêde o Suplemento de «A Batalha»

## Vida Sindical